

que atenda às necessidades e objetivos de um projeto acadêmico estruturado, parece-nos fundamental e dependerá do esforço conjunto de professores e alunos.

De modo indireto, a ação dos professores e alunos nos órgãos representativos da categoria profissional constitui instrumento de suma importância na mobilização dos profissionais e no planejamento de estratégias políticas de ação.

No que diz respeito à articulação do trabalho do psicólogo escolar no 3º grau (ex. Departamento de Psicologia), não foi possível, naquele semestre, concretizar a idéia, visto a falta de dados sobre o curso e de tempo para a estruturação do trabalho naquele semestre.

A possibilidade aqui levantada e os dados evidenciados na pesquisa, poderão abrir espaço para uma reflexão quanto à atuação do psicólogo escolar na própria universidade.

Finalmente, quanto ao alcance/importância da pesquisa aqui relatada, gostaríamos de fazer nossas as palavras de uma professora do departamento expressas no questionário: "Espero e confio que ações concretas resultarão deste levantamento de dados".

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BASTOS, A. V. B. & GOMIDE, P. I. C. O psicólogo brasileiro: sua atuação e formação profissional. PSICOLOGIA CIÊNCIA E PROFISSÃO, Brasília, 1:6-15, 1989.
- CAPES, Sistema de acompanhamento e avaliação por áreas do conhecimento (1979-89), Brasília, junho, 1991.
- DURHAM, E. R. e GUSSO, D. A. Pós-graduação no Brasil: problemas e perspectivas, trabalho apresentado no Seminário Internacional sobre tendências da pós-graduação, Brasília, julho, 1991.
- FREITAG, Bárbara, ESCOLA, ESTADO E SOCIEDADE, São Paulo, Ed. Moraes, 1980.
- GOMIDE, P. I. C. A formação acadêmica: onde residem suas deficiências? In: QUEM É O PSICÓLOGO BRASILEIRO? São Paulo, Conselho Federal de Psicologia, Cap. 4, 1988.
- MELLO, S. L. CURRÍCULO: quais mudanças ocorreram desde 1962? PSICOLOGIA, CIÊNCIA E PROFISSÃO. Brasília, Conselho Federal de Psicologia, 1:16-18, 1989.
- NPD-UFC. PERCENTUAL DOS PROFESSORES DA UFC: titulação e regime de trabalho, 1992 (solicitação).
- PEREIRA, S. L. MELLO. A formação profissional dos psicólogos: apontamento para um estudo. In PATTO, M. S. INTRODUÇÃO À PSICOLOGIA ESCOLAR. São Paulo, T. A. Queiroz, ed., 1981.
- PLANO DE AÇÃO (1991-1995). Pró-reitoria de graduação (CTP), Universidade Federal do Ceará, 1991.
- WEBER, Lídia. N. D. A formação em psicologia e o perfil de aluno e do professor: um estudo longitudinal, Curitiba UFPr, 1989.

FUNDAMENTOS FILOSÓFICOS DAS PSICOTERAPIAS DE BASE HUMANISTA

Virgínia Moreira*

RESUMO

Tem como objetivo a discussão do enquadre filosófico das psicoterapias de base humanista, a partir das críticas no que se refere à sua inconsistência teórica.

Aponta as filosofias de Buber, Nietzsche e Merleau-Ponty como possibilidades de fundamentação para as psicoterapias humanistas.

Descreve as afinidades da teoria Rogeriana e da Gestalt-terapia com a Fenomenologia e o Existencialismo

ABSTRACT

This paper discusses the philosophical frame for humanistic psychotherapies beginning with the criticism made about the inconsistency of these theories.

It presents the philosophies of Buber, Nietzsche and Merleau-Ponty as possible foundations for humanistic psychotherapy, and describes the relationship of Rogerian theory and Gestalt therapy with Phenomenology and Existentialism.

INTRODUÇÃO

Psicoterapeutas humanistas têm levantado como questão essencial que cada vez mais preocupa os profissionais da área: os fundamentos teórico-filosóficos das psicoterapias de base humanista.

Surgindo enquanto uma linha em psicologia, que se propõe a combater o suposto intelectualismo da psicanálise e mecanicismo do behaviorismo, as psicoterapias de base humanista - parte da chamada terceira força em psicologia - surgem com uma visão globalizante de homem, enfatizando a vivência das emoções.

No entanto, a partir da preocupação prioritária com a experiência, freqüentemente a teorização ficou em segundo plano, razão pela qual as psicoterapias humanistas têm sido acusadas de ter como metodologia simplesmente a subjetividade e a intuição, tal como reflete Boris (1987),

* Palestra proferida no I Encontro de Linhas Psicoterapêuticas, promovido pelo CRP-O2 em Recife, de 24 a 26 de Julho de 1992.

ao tratar da falta de consistência teórica das psicoterapias humanistas. E mais: em nome da "vivência" e da "experiência", estas têm sido acusadas de ter como metodologia simplesmente a subjetividade e a intuição, tal como reflete Boris (1987), ao tratar da falta de consistência teórica das psicoterapias humanistas. E mais: em nome da "vivência" e da "experiência", estas têm sofrido mal-entendidos e em alguns casos, têm sido realizadas de maneira irresponsável, sem o devido preparo ou fundamentação por parte dos profissionais que a praticam, ocasionando tais acusações. O mais comum dos enganos ocorre acerca da formação do psicoterapeuta humanista, que, muitas vezes é vista como sendo "mais fácil", onde o aluno teria que "estudar menos" já que "o que vale é a vivência das emoções".

Vale salientar que estes mal entendidos não surgiram por acaso. O fato é que os autores das abordagens humanistas pouco se preocuparam com a fundamentação teórico-filosófica de seus pensamentos., visto proporem abordagens experienciais. Carls Rogers, por exemplo, só em 1951, no livro "Terapia Centrada no Cliente", faz as primeiras alusões a respeito das filosofias existencial e fenomenológica. Em 1957, no artigo "A note on the nature of man", responde às tentativas de alguns autores de tentar vincular seu pensamento com o dos iluministas do século XVIII, afirmando que se sua teoria tem algo a ver com o pensamento de Rousseau, ele não tem nada a ver com isso, já que sua única ligação com o pensamento deste filósofo havia se dado através da leitura de "Émile", para prestar um exame de francês, na sua adolescência. Esta forma de resposta, a quem tentava inserir a Psicoterapia Centrada na Pessoa em uma determinada linha filosófica, sem dúvida tem boa parte da responsabilidade pelo atual "fetiche da vivência" que encontramos por aí, em nome da psicoterapia humanista.

A partir desta visão é que Figueiredo (1991) ao delinear as matrizes do pensamento psicológico, insere a psicologia humanista na matriz vitalista e naturalista, referindo-se a um "humanismo romântico" com manifestações místicas de liberdade. Assinala que a noção de uma força criativa, de um impulso vital, aparece de forma metafórica em Rogers e em Maslow, para quem o objetivo da terapia é "libertar esta energia, dar-lhe campo para atualizar-se na criação". (p. 129). Assim, caracteriza a matriz vitalista como sendo a favor da vida e contra a razão. O interesse tecnológico existe apenas como instrumento, a inteligência é substituída pela intuição e o interesse tecnológico pelo interesse estético.

A revisão da literatura da área mostra que a preocupação com a fundamentação teórico-filosófica das psicoterapias humanistas é recente, tratada por autores atuais que muitas vezes estão buscando

esta consistência teórica para defender-se das acusações de inconsistência, bem como para desenvolver o seu trabalho de forma mais competente. Esta preocupação tem sido a justificativa do movimento dos encontros Latino Americanos da ACP, por exemplo, que são, basicamente, um espaço de produção e troca teórica dos profissionais da área.

A busca de uma fundamentação teórico-filosófica para as psicoterapias humanistas tem encontrado seu caminho no existencialismo, na fenomenologia, na filosofia de Martin Buber.

Mais recentemente encontra-se em Nietzsche e em Merleau-Ponty uma possibilidade de fundamentação teórico-filosófica para as psicoterapias humanistas. Vejamos o que a revisão de literatura nos mostra sobre estas perspectivas, tornando a Abordagem Centrada na Pessoa como referencial humanista básico, e fazendo algumas alusões, também, à Gestalt-terapia.

A FUNDAMENTAÇÃO EXISTENCIAL-FENOMENOLÓGICA

Acompanhemos com Cury (1981) as afinidades da teoria rogeriana com o pensamento fenomenológico.

Esta autora descreve o surgimento da fenomenologia e do existencialismo na primeira metade do século XX, tendo um efeito no pensamento psicológico da Europa Continental. Só na década de 40 estas filosofias atraíram filósofos americanos e nas décadas de 50 a 60 a abordagem fenomenológica e existencial aos problemas psicológicos usa o termo "fenomenologia psicológica" para referir-se à fenomenologia como método aplicado aos problemas de natureza psicológica, como um procedimento específico para explorar a consciência. Os dados fenomenais (sentimentos, imagens, etc.) são aceitos e descritos da forma como são experienciados, sem quaisquer pressuposições ou transformações. O conhecimento passado e as tendências teóricas devem ser mantidas "entre parênteses" para possibilitar uma visão "pura" do mundo fenomenal.

Seria um erro considerar que a fenomenologia na psicologia resultou somente da influência de Husserl, visto que podem ser encontrados exemplos de abordagem fenomenológica em todos os períodos da história da psicologia, desde o século V com a autobiografia de Santo Agostinho, as pesquisas de ênfase sensório-perceptiva do século XIX, até o início do século XX, com os estudos de fenomenologia experimental por Katz e Wertheimer. Assim, a fenomenologia não é uma escola ou doutrina, mas um movimento que engloba várias escolas cujo

denominador comum é o método fenomenológico. Quanto ao existencialismo, tem suas sementes no século XIX em Kierkegaard, florescendo como movimento filosófico na Europa entre as duas grandes guerras. (Cury, 1987).

Segundo Cury, (1987), a trajetória de Rogers na fenomenologia se dá através do interesse pela relação que se estabelece entre o terapeuta e seu cliente. Os primeiros livros - "O tratamento clínico da criança-problema" e "Aconselhamento psicológico"- não contém referências a teorias filosóficas. Só pela introdução do conceito de "campo fenomenal na busca da elaboração teórica da relação terapeuta-cliente, aparecem as primeiras alusões a este respeito, em 1951.

Em 1961, no livro "Tornar-se Pessoa", Rogers alude ao seu conflito entre sua educação dentro do positivismo lógico e um pensamento existencial. Declara não ter estudado a filosofia existencial com a qual vai travar contato através da leitura de Buber e Kierkegaard por insistência de seus alunos.

É trabalhando com Eugene Gendlin do Center for Studies of the Person em La Jolla, Califórnia, que Rogers é atraído para a ênfase na experiência, que, posteriormente, proporá a abordagem experiencial. Segundo Spielberg (1972) Gendlin teria como objetivo a passagem de Rogers do positivismo lógico para uma orientação existencialista.

Gendlin (1970) deixa claro a influência de Sartre, Husserl e Merleau-Ponty nas suas incursões sobre a experiência: "Estar no mundo e com os outros (em diálogo) é a primeira consideração do existencialismo; o indivíduo visto como entidade separada é explicável apenas em segundo lugar". (p. 80).

No entanto, Spielberg (1972) lembra que considerar toda a psicologia rogeriana como fenomenológica seria um exagero evidente. Rogers adotou esta denominação tardiamente e incidentalmente e nunca tentou praticar fenomenologia conscientemente.

Na verdade, a assimilação do pensamento fenomenológico existencial no contexto americano foi tardia. Em 1958 Rollo May publicou o livro "Existence", contendo sua interpretação do pensamento existencial. O próprio Sartre intitulou um de seus livros "O Existencialismo é um Humanismo". Mas o fato é que, como diz Russel (1977), o existencialismo americano é expurgado da melancolia de guerra.

Boris (1990) analisando as aproximações e as divergências entre a Gestalt-Terapia e a Abordagem Centrada na Pessoa assinala como ponto comum entre Abordagem Centrada na Pessoa e a Gestalt-Terapia a vinculação à fenomenologia existencial expressa em vários aspectos; ênfase na experiência vivida e no presente, valorização dos sentimentos, recusa à interpretação causalista, visão holística de homem, etc.

Ao contrário de Rogers, Perls (1969) considera a Gestalt-Terapia como um dos três tipos de terapia existencial, junto com a logoterapia de Frankl e a terapia do Dasein de Binswanger.

Para Tellegen (1984) a postura fenomenológica da abordagem gestáltica está historicamente ligada à psicologia da Gestalt, cuja linha mestra de inscreve na fenomenologia husserliana. A reflexão sobre a existência humana encontra expressão nos filósofos existenciais, que, na opinião de Tellegen, poderiam ter sido mais aproveitados na busca de uma maior explicitação das bases fenomenológico- existenciais da gestalt-terapia, que tem em comum com as terapias da linhagem existencial a ênfase no homem-em-relação, na sua forma de estar no mundo, na radical escolha de sua existência.

Resumindo, com Cury (1987) podemos identificar como denominador comum das várias linhas de teoria e terapia humanista-existencial:

- o respeito pela pessoa;
- o reconhecimento do outro como totalidade e unicidade;
- a intolerância frente a todas as manifestações de tendências deterministas;
- a ênfase no relacionamento humano como forma de crescimento.

A FUNDAMENTAÇÃO NA FILOSOFIA DE MARTIN BUBER

A filosofia de Martin Buber é, provavelmente, a mais profunda influência existencial ao contexto da relação terapêutica (Matson, 1971). A maioria dos autores que tratam da fundamentação teórico-filosófica das psicoterapias humanistas é unânime quanto à sua importância, daí porque acreditamos ser importante destacar este pensamento filosófico.

Buber (1977) no seu livro "Eu e Tu", afirma existirem duas atitudes básicas, duas formas de existir ou de ser-no-mundo, que alternam-se ao longo da existência humana: as atitudes Eu-tu e Eu-isso. Não se tratam de dois tipos de homem, mas de duas posturas presentes em todos nós, em nossa relação com o outro, com as coisas e com o mundo. Na atitude Eu-tu o homem integra-se completamente com o mundo, numa totalidade caracterizada pelo envolvimento, pela integração dos opostos, desaparecendo as peculiaridades e contradições individuais. O Eu não é necessariamente uma pessoa, podendo referir-se a animais, elementos da natureza, etc., e "o homem não pode viver sem o Isso, mas aquele que vive somente com o Isso não é homem". (p. 39).

Zuben (1985) caracteriza os aspectos essenciais referentes à relação Eu-tu:

- a) Reciprocidade - dupla ação mútua entre parceiros;
- b) Presença - ou o momento da reciprocidade. A recíproca presença

garante a alteridade;

c) Imediatez - aqui e agora;

d) Responsabilidade - entendida como habilidade de resposta.

O mesmo autor assinala que Buber destaca a experiência entre as modalidades da relação Eu-isso.

Para Forghieri (1985) o que caracteriza a relação Eu-isso é a separação, o distanciamento entre o EU (egótico) e o TU (isso, ele, ela). Com relação à situação terapêutica sintetiza: "O psicoterapeuta atua numa alternância entre o conhecimento objetivo e a intuição categorial, entre o Eu-Isso e o Eu-Tu, entre o passado e a presentificação, entre o raciocinar e o existir como totalidade, entre o agir sobre o cliente e ser-com-ele". (p. 30)

Boris (1987) vê a obra de Buber marcada essencialmente pela busca do sentido da existência humana, visando ao resgate da sua responsabilidade pela construção de um mundo mais condizente com este sentido humano. Buber baseia suas indagações no diálogo, como a categoria existencial por excelência. A compreensão da realidade humana se dá através do prisma do dialógico - do vínculo entre a experiência vivida (ação) e a reflexão (pensamento).

Para Buber, a relação Eu-Tu é uma experiência fugaz, rara e difícil. O homem não suporta manter envolvimento tão intenso constantemente. Se afasta e se recolhe, tendendo a tornar-se um Isso, permanecendo em estado latente enquanto possibilidade. Assim, sublinha Boris (1987) não se deve encarar a relação Eu-Isso como algo negativo. Ela é mais duradoura, mais estável, proporciona sensação de segurança. A relação Eu-Isso torna-se negativa quando submete o homem. O mesmo autor observa que a relação Eu-Isso tende a ser relegada a um segundo plano, vista como prejudicial, como vínculo objetivante e frio. Cria-se um pudor em relação ao saber científico como se este propiciasse relações mecânicas e pré-determinadas, onde o terapeuta estaria agindo sobre o cliente como objeto manipulável, esquecendo-se da alteridade como condição básica para qualquer relação. As concepções de Buber sobre o encontro propiciaram uma proposta de relação psicoterápica sob o prisma do Eu-Tu, com o primado do vivido. A relação psicoterápica deixa de ser um mero vínculo Eu-Isso entre um cientista e seu objeto, para tornar-se um encontro entre duas pessoas, de sujeito a sujeito (Boris, 1987).

As psicoterapias humanistas, surgindo como reação aos métodos da psicoterapia positivista e tendendo a utilizar o método fenomenológico (intuição originária, inter-subjetividade, redução etc) elegem a atitude Eu-Tu como a forma de relação psicoterápica por excelência: "Psicoterapeuta e cliente são, cada vez mais, compreendidos como

duas pessoas, envolvidos numa relação de sujeito a sujeito, essencialmente igualitária, baseada a intersubjetividade, intuição e afetividade", afirma Boris (1987, p. 70).

Na perspectiva buberiana, através de uma super-valorização da relação Eu-Tu em detrimento da relação Eu-Isso é que Boris (1987) explica a falta de consistência teórica das terapias humanistas. Lembra que não basta ficar com o fenômeno, sendo necessária a reflexão acerca da experiência vivida e propõe uma melhor compreensão da dialética das atitudes Eu-Tu e Eu-Isso, defendendo a necessidade de teorização acerca da relação psicoterápica.

A FUNDAMENTAÇÃO NA FILOSOFIA DA NIETZSCHE

Advincula (1991) traça um paralelo entre os conceitos de tendência atualizante em Rogers e a vontade de potência em Nietzsche. Esta autora vê a filosofia de Nietzsche fundamentando a concepção de natureza humana que norteia as psicoterapias de base humanista, a partir da "sintonia com a vida", ponto básico de ligação entre os dois pensamentos.

Rogers defende a sabedoria do organismo e a importância das direções apontadas pelo experienciar organizacional, propondo o conceito de "tendência atualizante" como um dos conceitos mais revolucionários de sua experiência clínica, na medida em que reconhece que "o centro mais íntimo da natureza humana, as camadas mais profundas de sua personalidade, a base de sua 'natureza animal', tudo isso é naturalmente positivo, fundamentalmente socializado, dirigido para diante, racional e realista (Rogers, 1970, p. 91). Para Rogers (1983) esta tendência está sempre atuante, em direção a uma ordem crescente e a uma complexidade interrelacionada, visível tanto no nível inorgânico como no orgânico (p. 45).

A Psicoterapia centrada no cliente compreende o homem como sendo, em essência, um organismo digno de confiança, uma vez que ele traz em si mesmo esta tendência natural a se desenvolver de forma construtiva e positiva, enquanto uma "tendência direcional positiva" (1975). Esta tendência espontânea, presente em todos os organismos vivos, será chamada de "tendência atualizante", fundamento sobre o qual está construída a Abordagem Centrada na Pessoa. Rogers a descreve como "um fluxo subjacente de movimento para uma realização construtiva de suas possibilidades intrínsecas (...) uma tendência natural para o desenvolvimento completo" (p. 17, 1975) ou ainda como "uma tendência inerente para desenvolver todas as potencialidades das

peças e para desenvolvê-las de maneira a favorecer sua conservação e seu enriquecimento". (p. 159, 1977).

Advincula (1991) relaciona o experienciar organísmico inconsciente, presente na tendência atualizante, com a sabedoria dos instintos proclamada por Nietzsche, quando aponta o corpo como o fio condutor para o conhecimento. Assinala que ao homem conceitual, Nietzsche opõe o "homem intuitivo", considerando a vida como o valor maior, o princípio último da avaliação. Para Nietzsche, "tomar o corpo como ponto de partida e fazer dele o fio condutor, eis o essencial. O corpo é um fenômeno muito mais rico que autoriza observações muito mais claras. A crença no corpo é bem melhor estabelecida que a crença no espírito" (Machado, 1985, p. 105).

Assim como Nietzsche, em sua "fisiologia da potência", menciona que os instintos tem o poder de auto-regulação na interrelação de suas forças, Rogers, ao visualizar a pessoa em pleno funcionamento, refere-se ao equilíbrio interno dos instintos em relação mútua. Nas palavras de Advincula (1991) "o princípio último da vida é a própria vida - este é o lema de ambas as concepções. Nelas evidencia-se que o **fim último da vida é sua realização**: a plenificação da vida, a atualização do ser, nas expressões utilizadas pela Abordagem Centrada na Pessoa, e a expansão dos instintos fundamentais, a intensificação da potência, a intensificação das forças, nas expressões da filosofia **nietzscheana**. Estas são expressões que compõem, em Rogers, o conceito de tendência atualizante e, em Nietzsche, o conceito de **vontade de potência (...)** Mesmo os comportamentais estranhos, doentes e destruidores são reveladores da **tendência atualizante**, segundo Rogers. Nietzsche também reconhece nas expressões do fracos, dos despotencializados, a manifestação da **vontade de potência (...)** Na concepção de ambos os autores, o homem se plenifica na medida em que experimenta a vida intensamente e que as suas reflexões são resultantes destas vivências (...) o **homem que funciona plenamente**, no dizer de Rogers, aproxima-se do **grego arcaico**, da visão nietzscheana, pois tanto um como um outro constitui expressão de inteireza e unidade. A visão dionísica de Nietzsche se chega à visão holística de Rogers, onde o **unos originário** será reencontrado, ou mais precisamente, o homem e a natureza e os outros homens se reconciliarão num sentimento místico de unidade (pp 212 - 213).

A FUNDAMENTAÇÃO EM OUTROS PENSAMENTOS FILOSÓFICOS

Ainda que unicamente a título de referência, vale citar outras possíveis fontes de fundamentação para as abordagens humanistas e para a teoria

rogeriana, especificamente (Leitão, 1986). Assim é que, apesar da pretensão inovadora da teoria de Carl Rogers, suas idéias podem ser datadas no séc. XVIII com o pensamento de Rousseau. Hannoun (1976), identifica uma "direção rousseauista em Rogers", ainda que ele não a assumiu, como comentamos inicialmente. Este autor cita ainda os anti-autoritários, como lastro da proposta rogeriana, lembrando a experiência de Summerhill, de educação livre (Neill, 1982).

De Peretti (1974), por sua vez, cita Kilpatrick e Dewey como influenciadores do pensamento rogeriano. Acrescenta que Otto Rank foi um contato marcante para Rogers, na medida em que estimulou o interesse pela atitude individual e os valores vividos pelos terapeutas. O mesmo autor lembra, ainda, que foi através da leitura de Kierkegaard que, em 1951, Rogers qualifica sua obra de existencial ou fenomenológica.

A FILOSOFIA DE MERLEAU-PONTY COMO PROPOSTA DE FUNDAMENTAÇÃO ÀS PSICOTERAPIAS HUMANISTAS

Enquanto psicoterapeuta humanista, proponho a filosofia de Merleau-Ponty como possibilidade de fundamentação para as psicoterapias humanistas. Esta proposta se justifica a partir de um percurso crítico, que parte do estudo dos limites da Abordagem Centrada na Pessoa (Leitão 1985 e 1986). A crítica levava sempre a uma questão anterior, de cunho filosófico: Qual a concepção de homem da psicoterapia humanista? Esta questão levou ao estudo da noção de pessoa na teoria e na prática de Carl Rogers (Moreira, 1990), mostrando que a noção de pessoa na teoria rogeriana se coloca como uma pessoa "centrada", autônoma, racional, que traz em si mesma, os recursos para o seu próprio desenvolvimento. Esta pessoa é pensada como um ser interiormente livre, subjetivo, absoluto, universal. Trata-se de uma concepção dicotomizada, cuja ênfase essencialista e metafísica, sublinha a interioridade e caracteriza a pessoa como indivíduo (Moreira, 1990).

A idéia de pessoa como centro, eixo da psicoterapia centrada na pessoa (tal como explicita sua própria denominação) refere-se a uma visão de homem antropocêntrica, própria do humanismo, que se define como "doutrina ou atitude que se situa expressamente numa perspectiva antropocêntrica ..." (Ferreira, 1975, p. 735). Percebe-se então, que as psicoterapias humanistas herdaram da tradicional filosofia humanista, sua visão de homem como centro, e, com ela, todas as implicações de um pensamento dualista, próprio do mundo ocidental.

Aqui faço minhas as palavras de Merleau-Ponty, quando discorda do humanismo enquanto "uma filosofia do homem interior, que de princípio não encontra nenhuma opacidade no funcionamento social, e recoloca a cultura política pela exortação moral ..." concordando com ele quando defende o humanismo como "uma filosofia que confronta como um problema a relação do homem com o homem e a constituição entre eles de uma situação, de uma história que lhes seja comum". (Merleau-Ponty, 1960, p. 283). Esta afirmação do filósofo francês traz luz às minhas inquietações teóricas enquanto psicoterapeuta humanista: será possível um "humanismo histórico"? como desenvolver um humanismo cuja preocupação fundamental seja o humano, mas que não tenha o homem como centro e sim como ser "mundano"? Como desenvolver uma prática psicoterápica "enraizada no mundo", histórica?

Um caminho para que isso ocorra é a elaboração de uma psicoterapia na qual o homem é o mundo e o mundo é o homem, abolindo uma visão de homem dicotomizada em interioridade e exterioridade, em individual e social. Na medida em que é sujeito e objeto, este homem mistura-se na "geléia geral" que compõe o mundo, o homem, a história, ao mesmo tempo em que se singulariza com suas ações, pensamentos, discursos. Nesta psicoterapia, o cliente é visto de forma intrinsecamente entrelaçada ao mundo, sendo sua própria história e sua possibilidade de transfiguração: o mundo não é mais visto como objeto, tanto quanto o cliente não é visto como sujeito. Ambos, o cliente e a sociedade, fazem parte da mesma textura carnal.

Para elaborar o conceito de "carne", Merleau-Ponty parte da ideia de intercorporeidade, onde a "carne" é o fato de que meu corpo é ativo-passivo, visível-vidente. "Carne" não é a síntese homem-mundo, porque é uma forma de abordar o ser que escapa a representação. Não é matéria nem espírito; está entre os dois. É o sentido do corpo em sua relação com os objetos, já que, para o filósofo, o homem não tem uma consciência constituinte das coisas, como acredita o idealismo, mas um corpo: "Visível e móvel, meu corpo está no número das coisas, é uma delas; é captado na textura do mundo e sua coesão é a de uma coisa. Mas já que vê e se move, ele mantém as coisas em círculo a volta de si, elas são um anexo ou um prolongamento dele mesmo, estão na sua carne, fazem parte da sua definição plena, e o mundo é feito do próprio estofado do corpo", afirma Merleau-Ponty (1964, p. 19).

Depreende-se da filosofia de Merleau-Ponty, e particularmente, de seu conceito de "carne" um modelo de homem que não se insere no pensamento dualista ocidental, uma vez que fica aquém das dicotomias corpo-alma, sujeito-objeto, interior-exterior, individual-social. Este homem, que é visto sempre entrelaçado com o mundo, não é o "centro"

desse mundo. Ele o constituiu tanto quanto o mundo o constitui, de forma que, inexistente um centro. A partir de uma crítica de um humanismo antropocêntrico, urge que se (re) formule sua concepção de homem na prática de um humanismo histórico em psicoterapia.

A elaboração pertinente desta visão de homem parece ser um passo fundamental nesse sentido. É necessário que transcenda a ideia de centramento que aprisiona as psicoterapias humanistas, impedindo-as de realizar-se fenomenologicamente, tal como se propõem. É preciso que sua fundamentação se dê sobre uma concepção de homem enquanto ser-no-mundo e, como tal, enquanto fenômeno em mútua constituição com o mundo. Só assim será possível o desenvolvimento de uma psicoterapia cujo modelo teórico realmente seja comprometido com a história, uma vez que homem e mundo são vistos em mútua constituição (Moreira, 1990).

Vale ressaltar que esta proposta não se restringe a buscar fundamentos para as psicoterapias humanistas na Fenomenologia-existencial, visto que esta mesma ainda é tributária de um certo centro (vide a consciência em Sartre, por exemplo). **O importante para as psicoterapias humanistas seria acompanhar como a própria fenomenologia existencial livra-se da noção de centro.** Isto ocorre através do percurso de Merleau-Ponty, que conseguiu transcender o centramento teórico da fenomenologia (na consciência e no sujeito) em direção à mútua constituição. De forma que, embora no âmbito da filosofia, o último Merleau-Ponty (1960, 1964, 1984) traz uma contribuição preciosa para a fundamentação filosófica das psicoterapias humanistas (Moreira, 1990).

CONCLUSÃO

A elaboração de uma fundamentação filosófica para as psicoterapias de base humanista, busca o seu desenvolvimento de uma forma comprometida com o homem e a História, através de uma prática competente. Assim é que, mais que encontrar fundamentação filosófica para sua proposta, faz-se necessário que se repense como sua teorização se dá enquanto psicoterapia humanista.

Chega das acusações de serem as psicoterapias humanistas teorias individualistas, alienadas, não transformadoras. Chega das velhas discussões indivíduo x sociedade que perpetuam uma concepção dicotomizada de homem. Enquanto se mantiver "a pessoa como centro" não há como ultrapassar essas críticas. Não há como realizar uma psicoterapia transformadora se ela não vê o homem e o mundo em sua

mútua imbricação e constituição, como história. Nesse sentido, a filosofia de Merleau-Ponty se apresenta como um horizonte para onde se dirigir. Seu conceito de "carne" pode trazer uma relevante contribuição à elaboração de uma concepção de homem não dicotomizado, de forma que possamos desenvolver teoricamente uma psicoterapia **para além da pessoa**.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADVINCULA, Iaraci. *Psic.: Teor. e Pesq.* Brasília, 1991, v. 7 n° 2, pp. 201-214.
- BORIS, Georges, D. J. B. Abordagem Centrada na Pessoa e Gestalt-Terapia. *Revista de Humanidades*. Unifor. Ano 7, n° 5, mar/90 - Fortaleza, CE.
. Uma reflexão acerca da consistência teórica das psicoterapias humanistas. *Rev. de Psicologia*. Fortaleza, 5 (1): p. 69-75, jan/jun., 1987.
- BUBER, M. *Eu e Tu*. São Paulo, Cortez e Moraes, 1977.
- CURY, Vera Engler. *Psicoterapia centrada na pessoa: evolução das formulações sobre a relação terapeuta-cliente*. USP, São Paulo, 1987.
- DE PERETTI, André. *Pensée et vérité de Carls Rogers*. Paris, Privat, 1974.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1975.
- FIGUEIREDO, Luís Cláudio. *Matrizes do Pensamento Psicológico*. Petrópolis, Vozes, 1991.
- FORHIERI, Yolanda C. Fenomenologia, Existência e Psicoterapia. In: FORGHIERI, Y. C. *Fenomenologia e Psicologia*. São Paulo, Cortez/ Autores Assciados, 1984, pp. 71-85.
- GENDLIN, Eugene T. Existencialism and Experiential Psychotherapy. In: HART, J. T. & TOMLINDON, T. M. (eda). *New directions on Client-Centered Therapy*. Boston: Houghton Mifflin, Co., 1970.
- HANNOUN, Herbert. *L'Attitude non directive de Carls Rogers*. Paris, ESF, 1976.
- LEITÃO, Virgínia Moreira. Limites da Abordagem Centrada na pessoa: visão de "homem planetário" e ênfase no individual. *Rev. de Psicologia*, Fortaleza, 3 (1): 1-14, Jan/Jun, 1985.
- LEITÃO, Virgínia Moreira. Limites do Ensino Centrado no aluno. *Rev. de Psicologia*, Fortaleza, 3 (2): 27-47, Jul/Dez, 1985.
- LEITÃO, Virgínia Moreira. Da teoria não diretiva à Abordagem Centrada na Pessoa: breve histórico. *Rev. de Psicologia*. Fortaleza 4 (1): Jan/

Jun, 1986.

- MACHADO, Roberto. *Nietzsche e a Verdade*. Rio de Janeiro, Rocco, 1985.
- MOREIRA, Virgínia. *Para além da pessoa: uma revisão crítica da psicoterapia de Carl Rogers*. PUC - São Paulo, 1990. Tese de Doutorado.
- MATSON, F. W. Teoria Humanista: A terceira revolução em Psicologia. In: GREENING, T. C. *Psicologia-Existencial Humanista*, Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1975.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. *L'oeil et l'esprit*. Paris, Gallimard, 1964.
. *Signes*, Paris, Gallimard, 1960.
. *O visível e o invisível*. São Paulo, Perspectiva, 1984.
- NEIL, A. S. *Libres enfants de Summerhill*. Paris, Maspéro, 1970.
- PERLS, Frederick. *Gestalt Terapia Explicada*. São Paulo, Summus, 1969.
- ROGERS, Carls R. *A note on the nature of man*. *Journal of Counseling Psychology*. 4(3), 1957.
. *Tornar-se pessoa*. São Paulo, Martins Fontes, 1961.
- ROGERS, Carls. *Tornar-se Pessoa*. Lisboa, Moraes Editores, 1970.
- ROGERS, Carls. *A terapia centrada no cliente*. São Paulo, Martins Fontes, 1975.
- ROGERS, Carls. Definições das noções teóricas. In: Rogers Carl e KINGET, M. *Psicoterapia e Relações Humanas*. Belo Horizonte, Interlivros, 1977, v. I.
. *O tratamento clínico da criança problema*. São Paulo, Martins Fontes, 1978.